

CRENÇAS E MANIFESTAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS EM MARINGÁ-PR  
(1947-2014)

GIOVANE MARRAFON GONZAGA\*

VANDA FORTUNA SERAFIM (ORIENT.)

A presente pesquisa tem como objetivo o estudo das crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras na cidade de Maringá-PR, entre os anos de 1947 e 2014, por marcarem o início da cidade até os dias atuais, possibilitando perceber a configuração histórica destas formas de religiosidade. Mais especificamente, busca-se mapear os espaços e agentes das crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras em Maringá-PR; investigar como as crenças afro-brasileiras se reorganizam frente à proposta/tradição católica em Maringá-PR e contribuir aos estudos da História das Crenças e das Ideias religiosas brasileiras, atentando a formação regional e a cultura afro-brasileira.

As fontes utilizadas consistem em pesquisas de campo, questionários, entrevistas, jornais e demais vestígios das crenças afro-brasileiras em Maringá. Por partir do trabalho com indícios, parte-se metodologicamente do Paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1987) e da proposta para o estudo das religiões de Mircea Eliade (1992). A opção teórica inicial para a realização desta pesquisa consiste nas noções de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1994) e “práticas instituídas” de Roger Chartier (2002) por permitirem articular à História Cultural o estudo das ideias e instituições religiosas. Fornecendo, portanto, importantes bases para a reflexão sobre as crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras.

As pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras são ainda escassas no campo da História, em especial no Paraná, ainda não tendo sido realizadas com recorte espacial voltado para Maringá. Portanto, pensar as crenças afro-brasileiras em Maringá, no Paraná, é válido historiograficamente, e mais ainda no que diz respeito à temática, uma vez que temos estudos consideráveis sobre o catolicismo em Maringá<sup>1</sup>, mas quase nada

---

\* Universidade Estadual de Maringá. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História, na linha de pesquisa “Instituições e historia das ideias” sob a orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Vanda Fortuna Serafim.

sobre as religiões afro-brasileiras. O município, situado no norte do Estado do Paraná, possui cerca de 360 mil habitantes e é considerada região metropolitana, ainda jovem, dada sua recente fundação em 1947. A história da cidade está atrelada à história do estabelecimento do Catolicismo oficial na cidade, traçando um perfil do maringense associado a uma identidade católica pioneira. É o que nos indica a pesquisa de Selson Garutti (2006) intitulada, *O poder do anel na diocese de Maringá*.

*O processo de fundação da cidade de Maringá destaca-se pelo fato de ter sido planejada primeiramente em uma prancheta, na qual se previa a organização de todos os espaços, quebrando uma antiga tradição brasileira na forma de fundação das cidades, quando primeiramente se erguia uma cruz, símbolo da religião dominante, para em torno dela surgir o núcleo urbano. Os espaços religiosos formados por católicos e protestantes também são considerados, visto que ambos se organizaram no mesmo momento histórico; mas permaneceu como patrimônio histórico da cidade só a primeira capela construída no primeiro núcleo urbano que deu origem à cidade. [...] além de ser a religião católica a religião "aceita" pela maioria dos pioneiros. (GARUTTI, 2006, p.10).*

Exposto isto, nota-se, então, uma grande lacuna histórica, como indica o artigo de Amorim (2009) com um título já bastante sugestivo “Religiões Afro-brasileiras na Região de Maringá: Diversidade e Invisibilidade”. A autora explica que as pesquisas realizadas por seu grupo de trabalho apontam a grande quantidade e diversidade de manifestações religiosas, destacando a existência de mais de 300 templos, no município. Fazendo com que a aparente invisibilidade de cerca de 50 templos das religiões afro-brasileiras e sua inserção na região mereçam uma investigação mais detalhada. A pesquisa utilizou questionários e observação participante, junto aos templos em Maringá, Sarandi, Marialva e Mandaguari; constatando que na maioria dos casos, os templos situam-se em bairros periféricos, sendo que alguns já se localizaram em áreas mais centrais ou no município maior. Observa-se que, por pressão dos outros grupos,

---

Bolsista através do programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq);

<sup>1</sup> Márcia Maria Pereira (2007), *A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)*; GARUTTI, Selson. *O poder do anel na diocese de Maringá*, 2007; RUBINO, Carla. *Difusão da fé e sua mobilidade religiosa em Maringá*, 2010; SILVA, Jorge J. da. *O templo e a cidade: memórias sobre a construção da catedral de Maringá*; 2011. FONSECA, Agamedes Leite. *História local e religiosidade : um estudo acerca dos ex-votos da Paróquia Santa Rita de Cássia em Maringá PR*, 2014; RIBEIRO, Valéria Pedrochi. *O discurso católico e a presença de D. Jaime no jornal O Diário do Norte do Paraná (1974-1980)*. 2009; PINTO, Jorge Luiz Dias. *Os espaços da Folia de Reis em Maringá-PR: o Grupo Unidos com Fé*, 2010.

com diferentes orientações religiosas, tais templos foram “empurrados” para municípios limítrofes, na região metropolitana. A caracterização dos templos é bem diversificada, sendo que predomina a umbanda como característica geral dos cultos. Entretanto, há a significativa presença de outras designações religiosas, como o candomblé, o omolokô e

o tambor de mina, estes dois últimos chegaram em Maringá na última década (AMORIM, 2006).

Recentemente, o sociólogo Eronilton José da Silva (2014) produziu a tese de doutorado “Maringá de todos os santos: presença das religiões afro-brasileiras”, na qual buscou a partir da observação da negação da presença negra em Maringá, revelar tal presença por meio de suas expressões religiosas. Silva (2014) destaca que o universo religioso afro-brasileiro em Maringá ainda é desconhecido pela maior parte das pessoas. Em virtude disto, buscou mapear os terreiros atuantes na cidade, suas origens, filiações (linhagens), seus sacerdotes e adeptos, como eles encaram o preconceito e as relações entre os terreiros e a sociedade. (SILVA, 2014).

Ao mesmo tempo em que a tese de Silva (2014) oferece um embasamento fundamental a nossa pesquisa, nos afastamos de algumas premissas do autor, na medida em que não trabalharemos apenas como a noção de “terreiro”, termo que se refere aos templos e edificações em torno das quais se realizam cultos afro-brasileiros, tais como a Umbanda e Candomblé. A opção teórica pelo termo “crenças” religiosas afro-brasileiras, dialoga com o entendimento de Michel de Certeau, de que o que caracteriza a enunciação religiosa é a inscrição da experiência vivida numa linguagem, mas de forma a suscitar uma interpelação sobre a alteridade de sentido, demandando do sujeito crente um posicionar-se e um agir: “[...] entendo por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo” (CERTEAU, 1998, P. 278).

A opção teórica pelo termo “crença” implica em uma posição metodológica que contempla não apenas os centros ou terreiros de Maringá, mas as manifestações diversas da religiosidade afro-brasileira, como os (as) médiuns que oferecem consultas domiciliares, ou leem cartas, jogam búzios e que remetem suas práticas a uma espiritualidade afro-brasileira.

Tendo isso em vista que, a presente pesquisa visa contribuir com os estudos das religiões, religiosidades e crenças afro-brasileiras, buscando preencher algumas das grandes e inúmeras lacunas existentes sobre a presença afro-brasileira em Maringá-PR. Além de somar para o entendimento das diversidades religiosas em Maringá, objetiva-se destacar outras perspectivas sobre as crenças presentes nas inúmeras culturas afro-brasileiras, que por vezes não institucionalizadas permanecem invisíveis.

A problemática de pesquisa apresentada é resultado das pesquisas realizadas junto ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidade, sob a coordenação da

Profª Solange Ramos de Andrade e orientação da Profª Vanda Serafim. Além da participação nos projetos de pesquisa docente “Laboratório de Estudos em religiosidades e Culturas” e “Ciência, Ideias e Crenças: história e cultura afro-brasileiras por meio de seus intelectuais”, coordenados pela Profª Vanda Serafim.

Entre os anos de 2012 e 2013, foi possível pesquisar manifestações afro-brasileiras em Maringá por meio da Iniciação Científica intitulada *Associação Cultural Capoeira Mandinga-Ê (ACCAMÊ): Estudo das manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras em Maringá-PR*, a qual permitiu tanto uma reflexão sobre aspectos importantes da cultura afro-brasileira, principalmente no que se refere às crenças religiosas, como o diálogo entre as pessoas que praticam formas dessa cultura e a cidade de Maringá-PR.

Na segunda pesquisa de iniciação científica, *A representação de Exu em Nina Rodrigues e João do Rio (Brasil-Primeira República)* (GONZAGA; SANTOS, 2013/2014) foi possível comparar as formas como a entidade “Exu” foi representada por Nina Rodrigues e João do Rio no contexto republicano de finais do século XIX e início do século XX, em Salvador e no Rio de Janeiro. Além de compreender as relações entre pensamento social e discurso intelectual, foi possível tomar familiaridade com as principais referências bibliográficas sobre as religiões africanas no Brasil, além de Nina Rodrigues e João do Rio, pioneiros neste estudo, podemos citar Arthur Ramos, Edison Carneiro, Fernando Ortiz, Georges Lapassade, Lísias Negrão e Reginaldo Prandi.

Munidos da experiência anterior, o terceiro projeto de iniciação científica *No espaço das instituições católicas, há espaço para as crenças afro-brasileiras? Revisitando a história das religiões em Maringá-PR (1947-2014)* (GONZAGA, 2014), voltou-se ao estudo dos espaços de manifestação das crenças afro-brasileiras em Maringá-PR (1947-2014), buscando mapear os documentos disponíveis para o estudo das crenças afro-brasileiras em Maringá-PR; localizar os espaços de realização da devoção afro-brasileiras em Maringá-PR e investigar como os cultos afro-brasileiros se reorganizam frente à proposta/tradição católica em Maringá-PR.

Com base nas pesquisas desenvolvidas e na ausência de trabalhos acadêmicos na área de História que discutam as crenças religiosas afro-brasileiras em Maringá-PR, o tema e a problemática de pesquisa, além de originais, constituem-se, portanto, como histórico e historiograficamente relevantes.

A opção teórica inicial para a realização desta pesquisa consiste nas noções de “táticas” e “estratégias” de Michel de Certeau (1994) e práticas instituídas de Roger

Chartier (2002) por permitirem articular à História Cultural o estudo das ideias e instituições religiosas. Fornecendo, portanto, importantes bases para a reflexão sobre as crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras.

Michel de Certeau (1994), em *A invenção do cotidiano – artes de fazer*, indica que a problemática principal de sua pesquisa seria a de compreender “as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina” (1994, p. 37), e fornecer através de hipóteses e investigações “caminhos possíveis para a análise ainda por fazer” (idem, ibidem). Para isso o autor questiona essa ótica encontrada em outros intelectuais da cultura, como Foucault, que embora fujam dos padrões clássicos de um pensamento organizado em razão das instituições, não deixa de se desenvolver sua problemática a partir delas:

*“No entanto mais uma vez, esta “microfísica do poder” privilegia o aparelho produtor (da disciplina), ainda que, na “educação”, ela ponha em evidência o sistema de uma “repressão” e mostre como, por trás dos bastidores, tecnologias mudas determinam ou curto-circuitam as encenações institucionais. Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela [...]” . (CERTEAU, 1994, p. 41)*

No intuito de estudar as operações formuladas por esse personagem secundário, o “homem ordinário”, para quem dedica sua obra (CERTEAU, 1994, p. 53), difere entre dois modelos de ação referentes às instituições consolidadas numa sociedade, e por isso dominantes (a Igreja, o Estado, a educação formal, etc.), e àqueles que se organizam sob o plano dessas instituições, o cidadão comum, ou o homem ordinário, como o autor mesmo escreve. Aos primeiros, Certeau classifica as ações enquanto “estratégias”, que condicionam ativamente a estrutura sociocultural, de determinado espaço, gozando de autonomia sobre as informações e conhecimentos transmitidos à sociedade que domina. Ao homem ordinário restaria, então, as ações do tipo “táticas”, relacionadas metaforicamente por Certeau como “golpes no cotidiano” (1994, p. 101), onde esse cidadão comum, saindo para além da posição de um consumidor passivo de cultura, jogaria com a estratégia das instituições dominantes, se utilizando do que elas mesmo oferecem, produzindo sua própria cultura.

Assim, a estratégia, se define pela condição de um próprio, “uma vitória do lugar sobre o tempo” (CERTEAU, 1994, p. 99), numa relação de independência com as circunstâncias. Seria “um domínio dos lugares pela vista. [...] a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir,

controlar, portanto e “incluir” na sua visão” (1994, p. 100). A estratégia se definiria, portanto, pela sua relação majoritária com o saber, que se produziria no seio da instituição dominante e daí seria transmitido ao cidadão comum. O conceito de estratégia é valioso para pesquisa no sentido de explicar, por exemplo, a relação e as ações tomadas pela Igreja Católica na região de Maringá, desde a fundação da cidade, que se encaixam nos três elementos de estratégia descritos por Certeau (1994) acima.

Segundo Pereira (2007), que desde 1947, quando a cidade passa a existir como tal, nos documentos oficiais do Estado, a presença da Igreja Católica é visível e atuante. A autora nesse caso tece uma série de atitudes que se estendem até à Santa Sé, no sentido de legitimar a presença da instituição no desenvolvimento da cidade. A própria Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, responsável pela construção da cidade, reservou gratuitamente os lugares de maior visibilidade, como o centro urbano, à Igreja. Em retribuição, a instituição católica, associada à elite da cidade, se responsabilizou por organizar a infraestrutura necessária para atender necessidades básicas da população que crescia, como a saúde (Santa Casa de Maringá, Irmãos da Misericórdia Auxiliadora) e a educação (por exemplo, Colégio Santa Cruz, Irmãs da Congregação das Carmelitas da Caridade).

A tática, por sua vez, para Certeau (1994), “não tem por lugar senão o do outro” (1994, p. 100), se reafirma pela ausência de poder, configurando-se como a “arte do fraco” (1994, p. 101), tem como característica principal a astúcia, e joga com e contra o tempo. São exemplos de tática as várias maneiras de se falar, comer, andar, cozinhar, etc. Bem como as gírias, as formas de se vestir, entre tantas outras aplicações cotidianas que cada indivíduo faz de sua cultura. A tática assimila-se com a prática da leitura que, através de uma fonte (o livro), gera condições para a produção de uma interpretação que varia de leitor para leitor. Como exemplo prático, Certeau menciona a casa dos imigrantes de origem árabe em Paris, onde, por fora, nada fugiria ao modelo comum das casas francesas, mas ao se adentrar na residência, da disposição dos móveis à utilização dos cômodos, observa-se a produção de outro tipo de casa pariense. (CERTEAU, 1994).

Durante nossas pesquisas de campos, realizadas entre 2012 e 2014, diferentes espaços da prática das crenças afro-brasileiras na cidade de Maringá, pode-se perceber modos de organização semelhantes ao modelo tático relacionado às casas de imigrantes árabes descritas por Certeau (1994). A maioria dos terreiros (termo utilizado, inclusive, nas conversas com os representantes entrevistados) não possui nenhuma espécie de identificação escrita que distinga o lugar de uma casa comum, sendo que, para olhos

apressados, nenhum dos imóveis levantaria a suspeita de que ocorresse ali uma sessão de consulta umbandista, por exemplo, algo muito diferente do que acontece com as igrejas católicas, quase sempre de grandes proporções e arquitetura rebuscada, ou mesmo as pequenas igrejas neopentecostais observadas em cada quarteirão da rua principal do bairro Vila Esperança, na cidade de Maringá.

Embora não possamos afirmar com rigor os motivos para a ausência de identificação desses lugares, é pouco provável que sejam advindos da vontade de discriminação baseada apenas numa preferência pessoal, e não, também num interdito social, no sentido de que é preferível não se identificar para evitar um choque com a mentalidade religiosa dos vizinhos. É possível se pensar assim, pois, na maioria dos lugares, aquilo que não é facilmente relacionado às religiões afro-brasileiras por um não praticante está simbolicamente representado por toda a fachada da maioria das casas que também são templos, como a presença de flores e plantas específicas para o trato com determinadas entidades e disposição de alguns elementos naturais da prática religiosa afro-brasileira, como a “casinha de exu”, pequena construção de alvenaria ou madeira posicionada de maneira discreta na entrada de alguns lugares visitados.

Exemplos como esses são encontrados aos montes, de óbvias atenuações de características africanas, nas estatuetas que simbolizam um ou outro orixá, no lugar de uma valorização de qualidades que se aproximam das representações católicas de seus santos. Como também elementos subjetivos, mas que corroboram a respeito do que Certeau (1994) propõe metodologicamente, como um olhar que procura descobrir as intenções por trás da pergunta antes de escolher uma resposta.

A intenção da pesquisa em se deter, também, em elementos menos tradicionais da historiografia (como a história oral, na forma de entrevistas e relatos), vem da necessidade de perceber o objeto, suas práticas instituídas e apropriações, dentro de algo que é estrutural, mas não lhe é próprio. Entende-se através da análise de Roger Chartier (1990) que categorias diferentes de instrumentalidade devem ser levadas em contas no estudo daquilo que é popular, ou não está presente nas discussões acadêmicas:

*“Enfim, uma outra tomada de consciência coletiva reconheceu que, para abordar esses novos domínios, as metodologias clássicas não bastavam [...]. Por transpor procedimentos e problemas que eram os da história socioeconômica, ao mesmo tempo que operava um deslocamento histórico, a história das mentalidades (parte ou totalidade da história sociocultural) pôde ocupar a dianteira do palco intelectual e parecer [...] reformular – e, portanto, desqualificar – a maneira antiga de fazer a história das ideias” (CHARTIER, 2002, p. 39-40)*



*“Definido como uma “outra produção”, o consumo cultural, por exemplo, a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência.” (CHARTIER, 2002, p.53)”*

A opção por Michel de Certeau (1994) e Roger Chartier (2002) como aportes para esta pesquisa reside na possibilidade que oferecem em pensar ideias e instituições religiosas como práticas culturais, articuladas a um lugar próprio de produção, leituras e significações. Diferente de modelos teóricos mais fechados, como Durkheim (1989) e Bourdieu (1992) que organizam sua teoria em volta de uma necessidade de homogeneidade de ritos, escrita e hierarquia burocrática para definir o conceito de religião; torna-se possível considerar as práticas religiosas afro-brasileiras, ainda que “mesmo acanalhado e confundido com o comum supersticioso: fornece ao discurso o meio de generalizar um saber particular e garantir por toda história sua validade” (CERTEAU, 1994, p. 62).

A compreensão e estudo das crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras, não apenas em Maringá, mas no Brasil de modo geral, será incompleta, e em muitos casos inviáveis ao pesquisador circunscrito ao trabalho com os documentos escritos. Para Le Goff, a História faz-se “[...] com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais (os documentos escritos). Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas.” (LE GOFF, 1990, p.540).

O quadro metodológico inicial proposto para esta pesquisa consiste no que Carlo Ginzburg denominou “paradigma indiciário”. Ginzburg busca uma documentação diferente para interpretação dos feitos históricos. Entre outros, lança mão de documentos iconográficos, edifícios, medalhas, moedas, atas judiciais e processos inquisitoriais, em geral tratados com certo preconceito pelos historiadores tradicionais: “A época em que os historiadores acreditavam que era seu dever trabalhar exclusivamente com depoimentos escritos já passou faz algum tempo. Já Lucien Febvre convidava a examinar ervas, as formas dos campos, os eclipses da lua” (GINZBURG, 1984, p.XXII).

O estudo das crenças e manifestações religiosas, neste sentido, passam agora a considerar a experiência religiosa. Conforme explica Eliade (1992) o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado, e podemos

salientar em especial, as afro-brasileiras, uma vez que subvertem as noções cristãs ocidentais. Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania (manifestação do sagrado), por seu caráter relativo, ao mesmo tempo mundano e transcendente. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.

Ao mapear os espaços de devoções afro-brasileiras em Maringá, constata-se que para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, também, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas). Há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, propriamente falando, um Tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. Nesse sentido, em Maringá as crenças afro-brasileiras tem suas manifestações não apenas em templos ou terreiros, mas em espaços sacralizados, como as matas, os rios, o cemitério, a residência, as encruzilhadas. O tempo é também distintamente vivido, pelo tempo das divindades e entidades africanas, segundo o calendário mítico das comemorações de seus deuses. Embora no Brasil, muitas vezes existam convergências entre a cronologia das festas, encontramos diversas significações.

Além da distinta percepção de tempo e espaço, a oralidade e o segredo são características destas crenças. Dessa maneira a pesquisa de campo e observação informação, além da aplicação de questionários é fundamental a realização da pesquisa. Como indica Nobeit Elias e John Scotson (2000) as entrevistas e fichas de registro permitem compilar dados quantitativos e apresentar alguns deles sob a forma de tabelas estatísticas. Mas os dados quantitativos assim compilados só podem ser considerados parte das provas necessárias a pesquisas sobre esse tipo de problemas. Podem ajudar a estabelecer noções gerais, mas os significados que cada elemento tem dentro de determinadas comunidades será compreendido apenas por meio da observação.

Nesse sentido, analisar as crenças e manifestações religiosas afro-brasileiras em Maringá, pressupõe a busca de novas formas de abordagem do objeto de estudo em uma pesquisa que não trabalha com provas irrefutáveis, mas com possibilidades históricas, pois como salienta Ginzburg “depois do paradigma indiciário ou adivinatório se

entrevê o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador preso na lama em que escruta os rastros da presa” (1990, p.79).

Nesse sentido, os jornais que trazem indícios e pistas das religiosas afro-brasileiras em Maringá, mapeados até o momento consistem em *O Diário* e *A Gazeta do Povo*; além de panfletos distribuídos no centro da cidade com referências a trabalhos mediúnicos com entidades do Candomblé e da Umbanda; e dos próprios Censos divulgados pelo IBGE que indicam as adesões religiosas no município. O trabalho com estes documentos implicam a análise do documento enquanto monumento. Ou seja, utiliza-se as noções de *monumentos* (herança do passado) e *documentos* (escolha do historiador), de Le Goff (1974), entendendo que ainda que sejam uma escolha do historiador, não se apresenta por si mesma como uma prova histórica. Uma vez que não existe um documento objetivo, inócuo ou primário, é fundamental à problematização, o questionamento, o diálogo com nossas fontes, que são dois documentos escritos, logo, são expressão de uma época, de um determinado modo de pensar e interagir com o mundo<sup>2</sup>.

Atentando ao trabalho com a oralidade, uma vez que os relatos das lideranças religiosas entrevistadas são o ponto de partida para a construção da trajetória temporal das práticas religiosas de origem afro-brasileira em Maringá-PR, os trabalhos de Verena Alberti (2008) e Alberto Lins Caldas (1999) oferecem opções metodológicas pertinentes a uma construção da história oral que busca, por um lado, sistematizar o processo de catalogação de entrevistas, elaboração de perguntas, gravação e transcrição de áudio, mas também dar liberdade ao entrevistado, dialogando com sua realidade através de aspectos subjetivos, como a ondulação da voz e os olhares lançados durante a entrevista.

Em *Fontes orais: histórias dentro da História* (2008), Alberti entende que a fonte oral se valida como recurso dentro de uma pesquisa científica, no momento em que haja entrevistados que possam acrescentar qualidade à construção e interpretação do tema pesquisado. Particular a este projeto, o trabalho com a história oral não apenas é viável, como necessário, visto que até o momento não existem documentos oficiais de

---

<sup>2</sup> A mesma postura é válida para análise dos jornais, seguindo as indicações de Tânia Regina de Luca (2008) sobre a necessidade de encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série. É importante também buscar localizar essas publicações na história da imprensa; além de atentar as características de ordem material, tais como periodicidade, impressão, uso de iconografia e publicidade. É relevante perceber a organização interna no conteúdo, os termos utilizados e identificar o grupo responsável pela publicação. Problematizar o público alvo do jornal também será uma das preocupações adotadas. Enfim, todos os aspectos indicados por Luca (2008) serão levados em consideração na medida em que nos auxiliarem a analisar todo o material de acordo com a problemática da pesquisa.

quaisquer instituições tratando das crenças afro-brasileiras na cidade de Maringá-PR, que foram trabalhados no meio acadêmico.

Vista a possibilidade de se utilizar a fonte oral como recurso, Alberti (2008) organiza o processo de entrevista em três fases sequenciais: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. À exemplo do que viemos fazendo nas pesquisas anteriores e pretende-se dar continuidade, o uso de questionário pré-elaborado destacava o roteiro principal a ser seguida durante as conversações, valorizando perguntas tanto de caráter objetivo sobre o espaço religioso (número estimado de componentes do terreiro, data de fundação, etc.), como perguntas abertas que diziam respeito à relação do entrevistado, e sua prática de crenças afro-brasileiras, com a sociedade em que ele está inserido. Por fim, o tratamento da entrevista se deu através da redação de relatos que transmitiam desde a forma como o entrevistado e seu espaço de religiosidade foram encontrados, como a biografia do líder religioso e os principais acontecimentos de sua vida que, de alguma forma, se conectavam com a cidade de Maringá. Compreender esse tipo de fonte e sua utilidade dentro do viés historiográfico, remonta ao que Caldas (1999), em *Oralidade, texto e História: para ler a História oral* (1999), e *Fontes orais: Histórias dentro da história*, entende como subjetividade do documento, para o autor:

*“Os documentos são tão subjetivos quanto o presente, devem ser entendidos dentro de seu próprio processo de criação textual. E qualquer dado é subjetivo e histórico em sua mais íntima essência, seja ele físico ou químico. (CALDAS, 1999, p. 77)*

Para Caldas (1999), nenhum documento se isenta das intenções daquele que o produziu, seja seu redator, seja a sociedade que permitiu que aquele tipo de documento que chegasse até o historiador. Corrobora com essa perspectiva metodológica e mais ainda com as leituras propostas entre os referenciais teóricos desta pesquisa, os trabalhos apresentados em *Pesquisa Participante* (1981), organizado por Carlos Rodrigues Brandão. Na obra, diversos autores discutem a necessidade de se olhar para a pesquisa sobre minorias sociais através de uma abordagem científica diferente da então tradicional, que procede com distanciamento e frieza sob o pretexto de uma garantia de cientificidade. Mas, que não capta, em sua prática, os movimentos de minoria na sociedade, exigentes de uma relação de interação com o pesquisador.

Em contrapartida a esse olhar tradicionalista quanto à análise social, novas possibilidades são apresentadas em *Pesquisa Participante* (BRANDÃO, 1981). Por

meio da construção de uma hipótese primária que problematize a situação de determinado grupo social (no caso deste projeto, a questão levantada seria quanto ao espaço das crenças afro-brasileiras na cidade de Maringá-PR), verificar-se-ia a condição desse questionamento por intermédio de entrevistas com protagonistas da realidade social analisada.

O pesquisador participante, não é necessariamente aquele que se torna simpático às lideranças de movimentos religiosos afro-brasileiros apenas, mas que trouxesse as crenças afro-brasileiras praticadas na cidade de Maringá-PR para o meio acadêmico, tornando viável uma discussão científica sobre os espaços ocupados por essas crenças, a partir da análise de uma realidade histórica construída em conjunto com os representantes dessa categoria.

Concluindo, utilizar o paradigma indiciário para realização deste trabalho significa considerar que os indícios históricos podem levar a compreensão de uma realidade mais profunda, como sugere Ginzburg (1987) e que

*“Cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e lugares. Existe, antes de mais nada, o nome; mas, quanto mais a sociedade é complexa, tanto mais o nome parece insuficiente para circunscrever inequivocadamente a identidade de um indivíduo.” (pp 171-172)*

Nesse sentido, o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem a estrutura social como a, no caso de Maringá, de uma identidade católica homogênea. Se as pretensões de um conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais com veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios - que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 1990).

### **Referências bibliográficas**

Amorim, C. R; ET Al. Religiões Afro-brasileiras na Região de Maringá: Diversidade e Invisibilidade. In: *Anais do I Seminário Nacional de Sociologia e Política*. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/>

[site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT8%20online/EixoIV/religioes-afro-brasileiras-Amorim.pdf](http://site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT8%20online/EixoIV/religioes-afro-brasileiras-Amorim.pdf). Acesso: 19/02/2013.

ALBERTI, Verena. *Fontes Oraís: Histórias dentro da História*. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

BRANDÃO, Carlos Henrique. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 1.ed. São Paulo – SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1992.

FONSECA, Agamedes Leite. *História local e religiosidade : um estudo acerca dos ex-votos da Paróquia Santa Rita de Cássia em Maringá PR.. 2014*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá.

GARUTTI, Selson. *O poder do anel na diocese de Maringá*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC/SP, 2006.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GONZAGA, Giovane M. *Associação Cultural Capoeira Mandinga-Ê (ACCAMÊ): Estudo das manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras em Maringá-PR* Maringá, 2012/2013. 50 P. Projetos de Iniciação Científica (PIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

GONZAGA, Giovane M; SANTOS, T. B.. *A representação de Exu em Nina Rodrigues e João do Rio (Brasil-Primeira República)* Maringá, 2013/2014. 50 P. Projetos de Iniciação Científica (PIBIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

GONZAGA, Giovane M. *No espaço das instituições católicas, há espaço para as crenças afro-brasileiras? Revisitando a história das religiões em Maringá-PR (1947-2014)* Maringá, 2014. 50 P. Projetos de Iniciação Científica (PIBIC). Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LUCA, Tânia Regina. *Historia dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINKSY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. P. 111 – 154.

PEREIRA, Márcia M. *A Igreja Católica em Maringá e a gestão de D. Jaime Luiz Coelho (1947-1980)*. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2007.

PINTO, Jorge Luiz Dias. *Os espaços da Folia de Reis em Maringá-PR: o Grupo Unidos com Fé*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá.

RIBEIRO, Valéria Pedrochi. O discurso católico e a presença de D. Jaime no jornal O Diário do Norte do Paraná (1974-1980). 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá.

RUBINO, Carla. *Difusão da fé e sua mobilidade religiosa em Maringá*. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2010.

SERAFIM, Vanda Fortuna. Instituições Religiosas, Vivências do Religioso: possibilidades de abordagens historiográficas das religiões e das religiosidades.. In: Maria Bernardete Ramos Flores; Ana Alice Brancher. (Org.). *Historiografia: 35 anos*. Florianópolis: Letras/Contemporâneas, 2011. p. 142-159.

SILVA, Jorge J. da. *O templo e a cidade: memórias sobre a construção da catedral de Maringá*. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

SILVA, Eronildo José. *Maringá de todos os santos: presença das religiões afro-brasileiras*. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUC/SP. São Paulo, 2014.

### **Fontes iniciais:**

CENSO 2013. Disponível em

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411520> (sobre população estimada). Acesso: 29/03/2014.

CENSO 2013. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=411520&idtema=91&search=parana|maringalcenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao-> (sobre resultados da amostra de temática “religião”). Acesso: 29/03/2014.